

Cardoso combate racismo

LUIZ MARQUES

RAQUEL ULHOA
Da Editoria de Política

Baiano, 37 anos, Edson Cardoso mudou-se para Brasília em 1980 e, como a maioria dos que aqui chegam, acabou ficando. Em Salvador, foi ligado ao movimento negro, desde 74. Aqui, decidiu filiar-se pela primeira vez em um partido político e escolheu o PT, por aceitar discutir a questão racial "já", concomitante à luta pelo socialismo. Hoje, coordenador da Comissão do Negro do PT, Edson Cardoso é candidato a deputado federal e acha graça quando comentam que está em Brasília há pouco tempo: "Até parece que Brasília foi construída para dar casas a quem já morava no cerrado. Agora, época de eleições, apareceu tanta gente que mora aqui desde antes de sua inauguração. Além do mais, disputo uma vaga para Assembleia Constituinte e não para Câmara de Vereadores". Enfático, Cardoso critica aqueles que dizem não haver, em Brasília, candidatos comprometidos com a questão racial e afirma ser "um candidato legítimo do movimento negro".

O eixo de sua campanha é o combate ao racismo. Como é que você recebeu as declarações do Carlos Moura, de que não há candidatos, em Brasília, comprometidos com a questão?

— Me surpreendeu que o Carlos Moura, assessor para assuntos da cultura negra do Ministério da Cultura, um negro cooptado pela Nova República, tenha afirmado que não existem candidatos legítimos ligados à questão negra. Ele é um negro que fica na assessoria do Ministério exatamente para desmobilizar e evitar que a gente possa conscientizar mais a comunidade negra. Eu sou coordenador da Comissão do Negro do PT e a questão eleitoral é apenas uma etapa do nosso trabalho.

O "esquecimento", então, foi proposital?

— E claro. Ele chegou ao absurdo de indicar o Lindberg e o Maerle, que sequer representam os brancos do País, para representar a comunidade negra. Esta é uma prática política torpe, vil e mesquinha. Uma prática que procura transar o movimento negro como se fosse uma coisa homegênea — o que é uma prova de racismo. Existem negros de direita e de esquerda. Eu, por exemplo, estou à esquerda do movimento.

Para mim, não existe movimento negro sem perspectiva de transformação da sociedade. Eu não posso ficar só no discurso de denúncia do racismo, sem criticar o sistema político e econômico, que aprofunda as desigualdades raciais. Mas existem negros que combatem o racismo, e fecham exatamente com os racistas que estão no poder. É o caso do Moura e do Valdimiro (candidato do PSB), por exemplo. Como se pode combater o racismo e ser aliado dos racistas?

Por que você escolheu militar no movimento negro dentro do PT?

— Visamos a transformação, porque assim como não há esperança para o trabalhador numa sociedade capitalista, não há também para o negro. Para mim, não há distinção entre o PT e o movimento negro. Eu entrei para um partido que tem como proposta ser de lutas, de massa e democrático. Ora, se o PT realizar esta proposta de partido de massas, a massa do



Baiano, Edson Cardoso coordena a comissão do Negro do PT

PT será majoritariamente não-branca. O PT é um partido de trabalhadores e a força de trabalho do Brasil, até três salários mínimos, é principalmente não-branca.

Por isso não vejo as coisas separadamente. Raça e classe são dados inseparáveis na realidade brasileira. O negro é majoritariamente o pobre, então tenho que trabalhar com os dois conceitos: raça e classe. Como o PT é um partido de esquerda, este é o caminho. Como atender às reivindicações do movimento negro numa sociedade capitalista, onde você tem a exploração desta força de trabalho como garantia de lucros dessa classe econômica? Por isso, a gente acha que a solução é o socialismo.

Mas você discorda do processo ocorrido em Cuba, por exemplo?

— Em Cuba, a transição para o socialismo colocou a questão racial em segundo plano. "A gente discute esta questão depois", diziam. O que queremos é ir para o socialismo já discutindo o problema racial, para não acontecer o que houve lá, onde a comunidade negra conseguiu melhores condições de vida do que nos outros países do continente, mas enfrenta a discriminação.

Então, temos que começar a discutir o assunto agora, assim como a questão da mulher. Se não, vamos cair no economicismo em que a esquerda sempre caiu. O PT, para mim, é diferente na medida em que aceita esta discussão já.

E qual é a situação?

— O Brasil é o segundo maior país negro do mundo, mas ninguém sabe disso. Tomando por base dados do IBGE, somos 50 milhões no País. Mas você não vê isso pela televisão, que mostra um Brasil sueco. Por isso nós optamos por usar como símbolo da nossa campanha um rosto, que é uma máscara nigeriana. Um rosto que a gente não vê pela televisão.

No Brasil, não há a franqueza que existe nos Estados Unidos, onde a pessoa olha para sua cara e diz: "Eu não gosto de negros". Aqui, o racismo é disfar-

mesmos direitos. Aqui existem o branco, o descendente de japoneses, índios e negros. Mas o Brasil não assume essa coisa, que seria nossa multiplicidade étnica. A primeira coisa que temos que assumir na próxima Constituição é que somos um País pluriétnico.

Esta será, então, a sua principal bandeira na Assembleia, se for eleito?

— Eu não gosto que perguntam o que vou fazer na Constituinte, porque ninguém muda de um dia para o outro. Vamos continuar trabalhando pelo que já defendemos. E as linhas que a gente vai desenvolver são as do movimento negro, como, por exemplo, a questão da educação. A Comissão do Negro do PT, por exemplo, já visita escolas, trabalhando com a juventude, em quem a gente acredita, porque ela muda.

Nestas discussões, pretendemos desmontar estereótipos racistas, incluindo a estrutura dos livros didáticos, que apresentam o negro de forma discriminatória. Por que a evasão escolar é majoritariamente de alunos negros, por que eles deixam a escola cedo e têm os menores rendimentos? Não é muito difícil concluir. E fácil provar que a raça negra é inferior, num país onde ela vive há séculos com deficiência de vitaminas e proteínas. É fácil provar esta inferioridade, quando todas as condições para tanto foram criadas e existem há séculos.

Nossa principal reivindicação é garantir o acesso à escola, porque somos a maioria dos que estão fora dela. E garantir que seja uma escola voltada para esta diversidade de etnias e não uma escola branca, como é hoje. A escola tem que considerar esta multiplicidade étnica.

E quanto aos outros pontos?

— A questão da violência policial, por exemplo, é fundamental. Existe uma prisão por discriminação racial no País. O negro é o estereótipo do que é ameaça, no racismo e nós vamos discutir as detenções arbitrárias, na Constituinte, para negros e brancos. Mas o caso do negro é mais grave. Se ele é pego no Lago Sul e não provar que é jardineiro ou empregada doméstica, é preso.

A discriminação no mercado de trabalho é outra questão importante. Para ter acesso a um emprego, qualquer pessoa enfrenta o item "boa aparência". Mas o que é boa aparência num País pluriétnico? É a aparência da classe dominante, que é branca. Então, o negro consegue um emprego, se ele não é disputado pelos brancos. E se está sendo, mas sua preparação é tal que consegue, reduzem seu salário. Então há discriminação ao ser admitido no mercado de trabalho e a discriminação com a redução salarial.

É claro que estes são problemas nacionais, mas como se dá a discriminação racial em Brasília, que você chama de "apartheid do Distrito Federal"?

— Brasília talvez seja a cidade onde exista uma situação mais próxima ao regime da África do Sul. No Plano Piloto concentram-se 70 por cento dos empregos e é onde moram, predominantemente, brancos. Nas satélites e favelas moram principalmente os não-brancos: negros, pardos e caboclos. Estas pessoas são afastadas e vêm aqui apenas trabalhar, sempre nas funções mais baixas. Na UnB, por exemplo, eles são maioria na limpeza, no restaurante... Depois do serviço, voltam para os seus guetos. O Plano Piloto estabelece a segregação.



"O que queremos é ir para o socialismo já discutindo o problema da raça, para não ser como Cuba, onde ainda há discriminação."